

ESTEREÓTIPOS LITERÁRIOS: personagens da literatura infantojuvenil

Rizelda da Silva Beserra Dantas¹
 Professora: Jackeline Maria Beber Possamai

RESUMO

O presente artigo faz menção aos estereótipos criados na literatura infantojuvenil, os quais, se depender do prisma pelo qual se observe, insinuam até questões de discriminação. Anseia-se levar o leitor a perceber o que há de intrínseco na caracterização de alguns personagens, como a princesa, a bruxa, o negro e outros. Pretende-se, portanto, refletir sobre as características dessas personagens e o modo como são tratadas nas histórias, chamando a atenção para o papel do educador e da escola nesse processo.

Palavras-chave: Estereótipos. Literatura. Personagens.

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar suas histórias, o escritor precisa pensar em diversos aspectos que necessitam estar contemplados em sua obra: o espaço, o tempo, as personagens etc.

No tocante às personagens é relevante salientar as características que cada uma delas recebe para desempenhar seus papéis nas mais variadas histórias produzidas pela literatura infantojuvenil. Ao pensar nisso, o autor precisa traçar o perfil de cada uma, atribuindo-lhes funções e responsabilidades dentro do contexto.

Ao escolher suas personagens, o autor precisa levar em consideração alguns pontos, a exemplo: Quem será a(o) protagonista? Quem serão os antagonistas? Quem serão os menos favorecidos? E é justamente nessa hora que surgem as personagens estereotipadas da literatura, com vistas a suprir a necessidade de quem escreve e de chamar a atenção de quem lê. Por isso, na maioria das vezes, opta por estereótipos que já estão incutidos na mente do público.

2 ESTEREÓTIPOS LITERÁRIOS: PERSONAGENS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Um dos principais fatores estruturantes de uma narrativa são as personagens, as quais, conforme Coelho (2000, p. 74, grifos da autora), são:

[...] a transfiguração de uma realidade humana [...] transposta para o plano da realidade estética (ou literária). Não há ação narrativa sem personagens que a executem ou vivam. A personagem é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se centra o interesse do leitor. Adultos ou crianças, todos nós ficamos presos àquilo que acontece às personagens ou àquilo que elas são.

Muitas vezes, o próprio leitor se identifica com algumas das personagens da história que lê, e isso o impulsiona a ler sempre mais.

Na leitura comum, a relação do leitor com a obra é afetiva; ela se manifesta pela identificação do leitor com a história, com os lemas tratados, com as personagens'. Essa identificação, segundo os pesquisadores franceses, consiste em o leitor 'afirmar sua personalidade

graças ao livro, formulando julgamentos éticos a propósito de situações ou personagens, prolongando ao mesmo tempo nas leituras, experiências ou questionamentos pessoais. (FARIA, 2010, p. 15-16)

Ao analisar as personagens das histórias disponíveis para o público infantojuvenil, é possível perceber a semelhança e a repetição de suas características, ao que se chama de estereotipia. Para Coelho (2000, p. 75), as personagens estereotipadas “[...] não mudam nunca em suas ações ou reações”. Os autores lançam mão desse artifício porque, como afirma Patrick (s/d): “[...] os leitores estão familiarizados com eles. Eles se conectam a algo na consciência humana e provocam uma resposta emocional. A familiaridade encoraja o leitor a continuar a história”.

2.1 A PRINCESA

A figura da princesa nos contos de fadas é sempre representada por uma beleza inigualável e incomparável (Figura 1), “[...] são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada” (ABRAMOVICH apud PASQUALINI, 2007, p. 71).

No conto de fadas *Branca de Neve* percebe-se nitidamente a caracterização da protagonista na fala do narrador: “[...] Algum tempo depois, ela teve uma filha, que era branca como a neve, vermelha como o sangue e tinha cabelos negros como o ébano. Deram a ela o nome de Branca de Neve [...]” (GRIMMSTORIES, s/d). E posteriormente a referência à sua beleza: “À medida que Branca de Neve crescia, ia ficando cada vez mais bonita e, quando tinha sete anos, já era tão bela quanto o dia e mais bonita do que a própria rainha”. (GRIMMSTORIES, s/d). Aqui já é possível notar a ênfase e comparação da beleza da princesa com o próprio dia.

O estereótipo das princesas é

sempre o mesmo, por isso elas também são consideradas como personagens planas ou, ainda, as conhecidas “personagens-tipos”, pois conforme Coelho (2000, p. 75): “[...] são bastante simples em sua construção e facilmente reconhecíveis pelo leitor [...] São personagens-tipos os reis, rainhas, princesas, príncipes, amas, bruxas, fadas, gigantes, anões, caçadores, animais encantados etc., que vivem nos contos de fada ou contos maravilhosos”.

Diante do exposto, percebe-se o motivo dessa classificação, pois suas ações no decorrer da narrativa não surpreendem o leitor, que já conhece todo o papel a ser desempenhado por elas. Em nenhum momento, por exemplo, o leitor irá se deparar com uma princesa considerada feia, descabelada, malvada ou até mesmo mal vestida, a não ser que, em determinada parte da história, ela seja considerada uma pessoa comum.

FIGURA 1 – PRINCESAS DOS CONTOS DE FADA



FONTE: De fato (2012).

2.2 O PRÍNCIPE

No que se refere à figura masculina, mais especificamente ao príncipe retratado na literatura infantojuvenil (Figura 2), sua caracterização também é baseada na beleza estética, na bondade e no cavalheirismo. “O mocinho, o príncipe, é alto, corpulento, forte, elegante, bem barbeado (ou até imberbe), sempre com aspecto de quem acabou de sair

do banho, mesmo depois de ter cavalgado dias a fio e enfrentado mil perigos de toda espécie e qualidade”. (ABRAMOVICH apud PASQUALINI, 2007, p. 71)

Sempre galante, provoca suspiros em todas as suas pretendentes, não apenas por ser belo, mas também por sua audácia que o leva sempre a ser vitorioso em toda e qualquer situação conflituosa.

FIGURA 2 – PRÍNCIPE DO CONTO DE FADAS BRANCA DE NEVE



FONTE: Crianças (s/d)

2.3 O NEGRO

O negro, apresentado na literatura infantojuvenil, ocupa posições de servidão, é sempre o serviçal, o escravo, o trabalhador, geralmente não aparece como patrão ou nobre, nem mesmo como protagonista das histórias.

Nesse sentido, consoante às considerações de Abramovich (apud PASQUALINI, 2007, p. 71): “Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda. Seu ótimo coração e seu colo amigo são expressos no texto ou talvez nas entrelinhas... Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas... Altivos e elegantes? Nunquinha”.

Nessa perspectiva, compreende-

se o papel da mulher negra nas histórias infantojuvenis, a exemplo da personagem Tia Nastácia (Figura 3), do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Conforme é descrita a seguir:

A melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem. Ela cozinhou até para São Jorge, na Lua. Quem comia uma vez os seus bolinhos não podia nem sequer sentir o cheiro de bolos feitos por outras cozinheiras. Além de cuidar da cozinha, ela é uma faz-tudo na casa. Foi ela quem praticamente criou a Narizinho, e quem fez a Emília. É uma grande contadora de estórias. A turma do sítio adora ficar à noite ouvindo seus ‘causos’, comendo rosquinha de polvilho. (PROJETO MEMÓRIA, s/d).

FIGURA 3 – TIA NASTÁCIA, PERSONAGEM DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO



FONTE: Desenho (2010).

No tocante ao sexo masculino, o negro, segundo Abramovich (apud PASQUALINI, 2007, p. 71):

[...] somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico ou industrial e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...). Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida.

Um forte exemplo é a personagem do Tio Barnabé (Figura 4), também do *Sítio do*

Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato. Ele, além de negro, é idoso, conhecedor de muitas histórias, principalmente no que se refere ao folclore. No que tange à sua ocupação na fazenda, é responsável por uma série de tarefas, como cuidar dos animais, da roça etc.

FIGURA 4 – TIO BARNABÉ, PERSONAGEM DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO



FONTE: Biblioteca José Brito (2013)

2.4 A BRUXA

As bruxas (Figura 5) são sempre apresentadas como velhas, feias, com uma verruga enorme no nariz, unhas grandes, feição maléfica e assustadora. No entanto, sua capacidade de imaginação e sua criatividade não são postas em destaque. Para Abramovich (apud PASQUALINI, 2007, p. 71):

[...] a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas, fazendo com que o afastamento físico, a repulsa instintiva, a reação da pele sejam o detonador do temor e do medo, e não a ameaça emocional do que eles representam – de fato – para a criança... Afinal, a bruxa não é mostrada como um ser misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode ser muito sedutora e atraente (e por isso perigosa e ameaçadora).

FIGURA 5: BRUXA DO CONTO DE FADAS BRANCA DE NEVE



FONTE: Mundo Cá Dentro (2012)

Busca-se, com esse estereótipo da bruxa, provocar o medo e a repulsa sem se ater a outras características deste tipo de personagem. Para Jacoby (2009, p. 89):

O aspecto físico de bruxa, explicitado pelo narrador, intensifica, com a metalinguagem, a consciência de imagem construída e caricatural: Tinha um par de olhos perfeitos para uma bruxa, isto é, grandes, esbugalhados, com riscas de sangue e cada um virado para um lado. Motivo de orgulho, o nariz enorme, em forma de bico de papagaio, com a ponta quase entrando na boca de um único dente amarelado e carcomido, compõe o reflexo devolvido pelo espelho, que se completa com o cabelo despenteado, cor de cinza, roupas gastas e esfarrapadas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da breve análise realizada dos estereótipos da literatura infantojuvenil, nota-se que, por vezes, o leitor aceita a desvalorização do ser, sem questionamentos, de forma passiva, como se nada estivesse acontecendo. Não para para refletir sobre as imagens que estão sendo criadas e perpetuadas ao longo do tempo.

Questionamentos do tipo: Por que o negro deve ser sempre serviçal? Por que as bruxas são sempre horrendas? Por que

príncipes e princesas são eternamente lindos e esbeltos? devem ser estimulados na escola, promovendo até a criação de histórias com personagens que desmistifiquem o que já aparece impregnado nas mentes. Incentivando, inclusive, a encenação dessas histórias. Nesse sentido, o papel do educador no processo é o de orientar seus alunos no que compete a não reforçar personagens estereotipadas nas histórias que leem, minimizando assim o preconceito e a discriminação que, porventura, possam surgir através dos estereótipos.

REFERÊNCIAS

- BIBLIOTECA JOSÉ BRITO. **Personagens do sítio**. 2013. Disponível em: <<http://bibliotecajosebrito.blogspot.com.br/2013/04/18-de-abril-dia-nacional-do-livro.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CRIANÇAS. **Qual é seu príncipe favorito dos desenhos animados?** Disponível em: <http://criancas.uol.com.br/album/principes_album.jhtm#fotoNav=1>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.
- DE FATO. **Disney propõe novo conceito para as “princesas”**. 2012. Disponível em: <<http://defatocom.wordpress.com/2012/10/15/disney-propoe-novo-conceito-para-as-princesas/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- DESENHO. **Rabicó e Tia Nastácia**. 2010. Disponível em: <<http://desenhossitio.blogspot.com.br/2010/07/rabico-e-tia-nastacia.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto: 2010.
- GENS, Rosa; MARTINS, Georgina; SANTOS, Leonor Werneck dos. (org.) **Literatura infantil e juvenil na prática docente**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.
- GRIMMSTORIES. **Branca de Neve**. Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve>. Acesso em: 15 jul. 2013
- JACOBY, Sissa. **A bruxa no imaginário infantil: A última bruxa de Josué Guimarães**. Porto Alegre: Letras de hoje, 2009.
- MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática: conexões**. Maringá: Eduem, 2008.
- MUNDO CÁ DENTRO. **A bruxa da Branca de Neve**. Disponível em: <<http://mundocadentro.blogspot.com.br/2012/09/a-bruxa-da-branca-de-neve.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- PASQUALINI, Joseni Terezinha Frainer. **Caderno de estudos: literatura infantojuvenil**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2007.
- PATRICK, Josh. **Lista de arquétipos frequentes na Literatura**. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/lista-arquetipos-frequentes-literatura-info_18049/>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- PROJETO MEMÓRIA. **Tia Nastácia**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/sitiodopicapau/tianast.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

